

## E depois do adeus

*O fracasso não foi a decisão de sair do Afeganistão. Foi a forma como se saiu.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 8 de Setembro de 2021**

Acabou a mais longa aventura militar americana. E não acabou bem. Acabou com um desastre humano e um fracasso político. Mas o fracasso não foi a decisão de sair. Foi a forma como se saiu. Porque uma coisa é a decisão, outra diferente é a sua execução. E, neste caso, os meios comprometeram os fins.

A retirada do Afeganistão constituirá um marco histórico e terá pesadas consequências. Para todos: os EUA, a NATO e os aliados europeus, as potências regionais e o próprio Afeganistão. Tudo começou bem. Foi a reacção ao 11 de Setembro: Bush lançou um duplo ultimato aos taliban, então no poder – acabar com o refúgio da Al-Qaeda, onde se tinham preparado os atentados e entregar Bin Laden, o seu estrategista. Os taliban recusaram liminarmente. Mas o choque dos atentados tinha sido de tal modo brutal que a luta contra o terrorismo reunia um consenso geral. Era inevitável uma missão internacional no Afeganistão. Nos EUA, 93% da opinião pública era a favor. Na Europa, dizia-se: “Somos todos americanos”. E mesmo a Rússia e a China apoiaram o esforço contra o terrorismo. A ONU enquadrou a formação de um regime constitucional em Cabul e para o apoiar foi lançada uma intervenção internacional. Com mandato expresso da ONU, liderança americana e forças da NATO.

O seu primeiro objectivo era limitado, de curto prazo e claramente atingível: eliminar o refúgio da Al-Qaeda e punir Bin Laden, isto é, o contraterrorismo. De resto, Obama perdeu uma boa oportunidade para terminar com a missão depois de morto Bin Laden. Mas, entretanto, a *hubris* unipolar americana tinha feito evoluir a missão para um segundo objectivo, este, pelo contrário, vasto, de longo prazo e dificilmente atingível: a contra-insurgência, isto é, criar no país um Estado central e uma democracia ocidental.

De resto, Obama perdeu uma boa oportunidade para terminar com a missão depois de morto Bin Laden. Mas, entretanto, a *hubris* unipolar americana tinha feito evoluir a missão para um segundo objectivo, este pelo contrário, vasto, de longo prazo e dificilmente atingível: a contrainsurgência, isto é, criar no país um Estado central e uma democracia ocidental.

Tal coisa jamais existiu no Afeganistão. A sociedade organiza-se em clãs divididos por linhas de fractura étnica e religiosa e não existe a noção de identidade nacional. A autoridade central é fraca e as lealdades tribais são fortes. É certo que o Estado é reconhecido no plano internacional e tem até assento na ONU, mas é exíguo, para não dizer inexistente, nas funções internas. Ora, escusado será dizer que um Estado-nação não se constrói por decreto e a promoção da democracia não se impõe pela força das

armas. Foi o que 20 anos de guerra, milhares de vidas perdidas e milhões de dólares gastos acabaram por mostrar: era uma missão impossível.

Entretanto, o mundo mudou, a hegemonia americana acabou e todas as administrações desde Obama tinham dado sinal de retracção. Antes da retirada, 70% da opinião pública americana queria ver as tropas de volta. Como dizia um amigo meu, queria que os seus impostos “fossem para o Kansas e não para Kandahar”. A questão já não era “se”, era “quando”. Todos queriam a retirada. Mas em boa ordem, como estava a ser negociada pela “*troika* alargada”: com um Governo de transição e eleições no prazo de dois anos. Tudo isso acabou com a chegada dos taliban e a partida das forças internacionais.

A questão agora é: e depois do adeus? Depois do adeus, ninguém ficará melhor. Os Estados Unidos podem, finalmente, libertar-se do “Grande Médio Oriente” e redireccionar as prioridades estratégicas para os novos desafios: a rivalidade com a China e o investimento interno. Mas não escaparão ao fantasma do declínio e à desconfiança dos aliados europeus. Os aliados europeus poderão queixar-se da incompetência da retirada americana, da falta de consulta no seio da NATO e do próprio modelo militar de promoção da paz liberal. Mas, sem a protecção americana, não escaparão a ter que se confrontar com a sua pequenez estratégica. E a dura realidade de que a tão propagada “autonomia”, afinal, custa dinheiro e vontade política. A Rússia e a China quererão ocupar o vazio estratégico deixado pelos EUA e até explorar as riquezas do subsolo afegão. Mas não escaparão à instabilidade previsível e ao risco a que tais investimentos obrigam.

Os taliban, esses serão a próxima vítima daquela que foi a sua vantagem. No Afeganistão, o único factor de unidade foi, sempre, a resistência contra a ocupação externa. Foi assim com os ingleses no século XIX, os soviéticos no século XX e agora com os americanos. Com a partida do ocupante regressará a força centrífuga dos senhores da guerra. Para além de que uma coisa é tomar o poder, outra é governar. Aos afegãos, a esses esperam-nos dias difíceis. Sobretudo as mulheres. A aventura começou bem, mas acabou mal e não vai ficar melhor.

<https://www.publico.pt/2021/09/08/opiniao/opiniao/adeus-1976599>